

Das larguras do tempo

Teço a vida
como alegoria
dos futuros que intrometo
pelos dias

o tempo
é só detalhe
dos favores do espaço
em que se cabe

o presente é só uma nesga
entre o futuro e o passado
que a gente enche de tudo
nas larguras em que se cabe.

Da conformação dos atos

a circunst

ância e o

presente

admitem

futuros

intransigentes

nada que lhes digam

passados dá-se por

consequente

ao sujeito cabe apenas

arruma-los adredemente

nas calçadas da vida

a que se consente.

Das medidas do viver

a vida assim remoída
como se fora só um tempo
esquece pelos descaminhos
as ruas do pensamento

é que a vida é
sempre infante nas
costas de todas as lidas e
há que viver esse tempo
em todas as suas
medidas

viver é ser todos os outros
nas larguras da avenida.

Das léguas razões dos meus enfados

Nas ruas da vida
como ser exato
se todas as léguas
cabem nos meus passos?
Como não cabê-las
nos desvãos do mundo
explodindo em tudo o coração
navegante urgente desses rumos?
como não sabê-las
estradas de mim mesmo
na direção exata do povo
a que me coube tê-lo?

É que a humano
sempre se permite
amanhecer todas as
manhãs por que se grite

e é de tê-las avulsas
como tempos
recatados das razões
de nós mesmos que
tenhamos projetado

Dos vincos da verdade em laicos gestos

Eis o fato:
a verdade
é sempre
menor que o
ato
fazê-la é um jeito
duvidoso de torná-la
exata
é como se fora
proporção entre o que
se sente
e o que prolata

é que nos ombros
do mundo a verdade é
uma balsa
que singra nosso
peito com ares de
astronauta

Do desmazelo temporal do medo

Nunca é tarde
para dizer o que é cedo
à história, às vezes,
é um disfarce do medo
e o tempo inventa porções
para demorar seus atropelos

ao homem cabe gritar
e construir seu enredo.

Da alma em retoques

A alma é só invólucro
daquilo em que se cabe
guardada a proporção
das pretensas liberdades
que a gente traz pelo peito
e, às vezes, nem sabe

e vige enquanto perdura
o gosto infante da alegria
no riso que a gente tange
pelos ombros da avenida
construindo com irmãos
as lutas todas as vida

a alma é só um detalhe
da singularidade coletiva.

Poeminha em dialética estante

nada do que me seja tanto
que permita a si a vida
deixe-se só como somente um resto
em que gastou-se a medida

a quantidade é início
de uma qualidade reptícia
que chega a mudar seu quantum
pela simples adição do mesmo indício

o qualidade é apenas o resultado
das quantidades que consigo

Dos bilhões de mim em luzes largas

a 300 milhões de anos luz
palpita a nova galáxia
e nos palmos que eu não sei
abraço a via láctea

trafego o universo
e suas léguas intactas
e os infinitos que tanjo
nos ombros da prática

como é bom ser medido
com réguas tão inexatas

Cósmica deflagração da paciência

o buraco negro
sem quaisquer motivos
debruçou-se na tarefa
de beber o infinito

e o universo
adredemente incontido
deu-se à cósmica razão
de seus sentidos

Da índia condição da complexidade

e o índio olhar

é a

simplicidade exata

da complexa gestão

da humana prática

o passado em todos

resume a lógica

da coletiva vazão

da cognitiva porta

e assim compimindo

os infinitos que pode

atravessa as avenidas

como um bólido

dos comícios versejantes

o poema
conjuga as
falas
com as palavras de
ordem da alma

os verbos
transeuntes do poema
são bailarinos verbais
postos em cena

na coxia
ardentemente
o poeta sonha
todos seus repentes

Kalil Gerges Bechara em tâmaras urgentes

a lágrima
na verdade sentia
todas as tâmaras
que o Líbano dizia

e o gosto da pátria
debruçava na língua
como uma lembrança digesta
das oitivas da vida

Do genocídio em degraus correntes

as mortes
restarão escancaradas
como as portas da culpa
e as janelas da fala

os verbos
riscarão a história
com as fissuras da honra
e as rasuras da lógica

e pela multidão
em declarada lida
afundar-se-á a prazo
o que cresceu à vista

Das refregas e seus limites

Ganho de mim
todas as disputas
ninguém gando do outro
quando se luta

é que combater
é sempre uma
desculpa de quem
enfrenta no outro sua
própria culpa

ganhar é só um jeito
de medir a luta.

Das ranhuras de tudo

A vida
é uma morte
invertida tudo que em
uma sobra na outra é
mantida

é que não há
condição de tê-las
divididas tudo que
em uma medra na
outra é desmedida

a síntese de todas
é a própria
vida uma morte
paulatina quase
consentida.

Da onírica vazão

represtino o sonho
tão exatamente
que os fatos pulam em mim
impunemente

e assim, em passados,
embrulho o presente
com os futuros que crio
preteritamente

o sonho é só um tempo
de viver a gente.

Do futuro e suas vagas

o povo ausculta
nos ombros da praça
o ruído da luta

comício de tudo
o verbo disputa
as razões urgentes
de todas as culpas

e nos olhos do povo
envolto na palavra
o futuro toma o jeito
de quem lhe abraça

Das nervuras dos quadrantes

Nada é absoluto
o tempo não teria espaço
para decretar-se em tudo

nada é restrito
o todo sempre cabe
em cada infinito

a gente é que dá um jeito
de teima-los incontidos

O curso da utopia e sua gesta

a utopia

é um grande
murro que se dá no
presente com os
punhos do futuro

e vige como um abraço
atravessado em tudo
nas ranhuras do passado
no trânsito incauto de mundo.

Das dúvidas das horas

O infinito
é só um salto
que o tempo teima em dar
pelo espaço
tudo que lhe tange
é passeata
e a exata compleição
do que prolata
com esse jeito de tanto
e a certeza de nada.

da confluência dialética do futuro

o tempo

é um espaço
disfarçado minutos,
larguras e metros são
quilos do mesmo fardo
tudo que lhes medem
é a constância do abraço

é como se o mundo
vive-se em sobressalto
arremessando o futuro
num imenso descampado

Algoritmo temporal dos futuros em tese

vivente das horas
o tempo trafega
como um lapso temporal
de nossas esperas

urde no crânio
um labirinto exato
dos futuros que guarda
em seu regaço

e quase sempre anoitece
quando ainda somos tarde

Das demarches do pensar e suas esperas

o algoritmo
é só um indício
das razões que tangem
todos os sentidos

o vão de suas teses
apenas resvala
nas sinapses que explodem
nas batalhas.

o algoritmo é só um vício
de razões avaras.

Das metragens cognitivas e das razões andantes

O sonho
é só o unguento
com que trato as viagens
do pensamento

é que por tê-las
alinhavadas no juízo
deixo-me sonhar
atento às distâncias
do infinito

ao fim, caibo em mim,
viajante e quase contrito,
nas lonjuras do que, perto,
tange os metros do meu riso.

Circunlóquio quarentenial

na pandemia
passeio em mim
todos os dias

andarilho
traço em mim
todos os trilhos

das ferrovias que posso
e das que não desisto.

Dos passados futuros

A utopia só é sonho
enquanto não havia
assim montada na luta
nos ombros da alegria

é que o futuro
com que não se lida
desmancha o tempo do homem
nas esquinas da vida

utopia é só um nome
para se enfeitar essa briga.

Pequena alusão aos tempos do espaço e a perene desavença humana

O infinito
não é só espaço
há um tempo embutido
em seu descampado
depois de si
traz outros infinitos
que desabotoam a razão
e todos os sentidos

é como parecer um
mutirão de todos os
destinos
por decretar-se
avulso apesar de
ser contínuo.